

## **CARTOGRAFIAS CIBERCULTURAIS DA FORMAÇÃO DOCENTE: experimentações autorais na disciplina de educação estética**

*CYBERCULTURAL CARTOGRAPHIES OF TEACHER TRAINING: authorial experiences in the discipline of aesthetic education*

Felipe da Silva Ponte de Carvalho<sup>1</sup>, Fernando Pocahy<sup>1</sup>

### **ORCID IDS**

Carvalho FSP - <https://orcid.org/0000-0001-7398-6171>

Pocahy F - <https://orcid.org/0000-0002-7884-4647>

### **RESUMO**

A cibercultura, caracterizada por processos de comunicação pós-massivos, promove novas formas de ser e de viver nos tempos contemporâneos. Nesse sentido, a cibercultura é formativa, produz e molda a subjetividade dos sujeitos, tema de pesquisa deste artigo. Esta pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2018 na disciplina “Educação Estética” do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / Brasil). Esta disciplina tem como objetivo discutir outras formas de pensar e praticar o ensino. Para atingir esse objetivo, propusemos que grupos de estudantes produzissem uma publicação on-line por meio do aplicativo de anotações do Facebook sobre problematizações ético-estético-políticas de si mesmos e em relação um ao outro. A partir dessa proposição, surgiram várias publicações sobre experiências de múltiplas intersecções (gênero, sexualidade, raça, classe), nas quais xs estudantes procuravam falar a verdade sobre si mesmos e sobre os demais, dentro de uma liberdade ética-estética-política em suas autorias, parrhasianas e interseccionais.

Palavras-chave: Cartografias. Parrhasias. Interseccionalidade.

### **ABSTRACT**

Cyberculture, characterized by post-massive communication processes, promotes new ways of being and living in contemporary times. In this sense, cyberculture is formative, produces and shapes the subjects' subjectivity, the research theme of this paper. This research was carried out in the first semester of 2018 in the “Aesthetic Education” discipline of the Pedagogy course at the Rio de Janeiro State University (UERJ/Brazil). This discipline presents elements-effects of other ways of thinking and practicing teaching. We proposed that groups of students produce an online publication through the Facebook notes application about ethical-aesthetic-political problematizations of themselves and in relation to each other. From this proposition emerged several publications about experiences of multiple intersections (gender, sexuality, race, class), in which students sought to speak the truth about themselves within an ethical-aesthetic-political freedom in their authorial, parrhasian and intersectional publications.

Keywords: Cartographies, Parrhasias, Intersectionality.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Autor Correspondente: [felipesilvaponte@gmail.com](mailto:felipesilvaponte@gmail.com)

Recebido em 22 de Janeiro de 2020; Aceito em 10 de Abril de 2020.

## TEORIZAÇÕES COM/NO O COTIDIANO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA: FORMAÇÃO PARA AUTORIA EM REDE

Este trabalho cartografa movimentos cotidianos de/em uma turma do curso de Pedagogia de uma universidade pública situada no Estado do Rio de Janeiro. O componente curricular abordado nesse trabalho busca articular princípios de ética, estética e política (no rastro foucaultiano) como forma de ampliar as problematizações que compõem o disputado sentido de (Educação) estética. A aposta central da pesquisa-formação docente em tela articula-se às problematizações de Michel Foucault sobre práticas de subjetivação, especialmente às formas do dizer a verdade – empreendidas na antiguidade grega nos termos de *parrhesia*.

Ao propormos à turma de Pedagogia processos de narração do/no cotidiano buscamos promover experimentações na direção de práticas de cuidado de si (FOUCAULT, 2013). Isto é, ao falar/narrar a verdade sobre si, buscamos cartografar lances daquilo que nos constitui. Práticas e acontecimentos cotidianos se oferecem aqui como lances das cartografias do presente. A escrita de si é acionada como exercício a desafiar as noções consagradas de autoria e autoridade de conhecimento. Apoiamo-nos em pesquisas contemporâneas para compor nosso plano cartográfico.

O trabalho de Luciana Grupelli Laponte (2005) é igualmente cartografia e guia para nossa viagem, lá onde ela destaca a escrita de si docente, escrita essa que não está sobre os moldes acadêmicos e burocráticos, mas da partilha de sentidos e de significados de experimentações e formações do cotidiano escolar com outRx. Por outro lado, temos que pensar também que essa escrita de si não está fora de tensões, tomadas de posições políticas-ética-estéticas, de contradições, contraposições e limitações das experimentações cotidianas.

Tomando como base os jogos de verdades-poder-saber que são colocados em disputas em nosso cotidiano, estamos apostando que, mais do que promover autoria, sentimos a necessidade de tensionar a autoria com o “falar a verdade”, no sentido de “par-

rhesía” (FOUCAULT, 2013a; 2013b). A *Parrhesía*, de acordo com Foucault (2013a), aparece na literatura grega em Eurípedes e ocorre através do antigo mundo grego das letras desde o fim do século 5 a.C., mas pode ser encontrada ainda em textos patrísticos escritos no fim do quarto e durante o século 5 d.C. A *parrhesía* pode ser praticada de muitas maneiras, inclusive ser uma *parrhesía* pejorativa na qual consiste em dizer qualquer coisa ou tudo que se tem à mente sem distinção, chegando ao ponto de tornar-se perigosa até para as instituições democráticas.

A crítica explícita aos falantes que utilizam a *parrhesía* em seu sentido negativo se tornou um lugar comum no pensamento político grego desde a Guerra do Peloponeso e trouxe à tona um debate sobre as relações entre a *parrhesia* e as instituições democráticas. O problema, grosso modo, era o seguinte: a democracia era fundada por uma *politeia*, uma constituição, na qual o *demos*, o povo, exerce o poder e onde todos são iguais perante a lei. Tal constituição, no entanto, é condenada por dar igual lugar a todas as formas de *parrhesia*, mesmo a pior. Devido ao fato de a *parrhesia* ser dada mesmo aos piores cidadãos, a esmagadora influência dos falantes maus, imorais ou ignorantes pode levar os cidadãos à tirania ou, de outro modo, pôr a cidade em perigo. Portanto, a *parrhesia* pode ser perigosa para a própria democracia. Esse problema parece coerente e familiar. Porém, para os gregos, sua descoberta, a descoberta da necessária antinomia entre *parrhesia* – liberdade de falar – e a democracia, inaugurou um debate muito apaixonado concernente à precisa natureza das perigosas relações que parecem existir entre democracia, logos, liberdade e verdade (FOUCAULT; 2013b, p. 49).

Contudo, nesta pesquisa, buscamos praticar uma *parrhesía* voltada ao “falar a verdade” com o cuidado de si, que concerne também às técnicas práticas úteis para ensinar-aprender e ajudar os/as outRx na comunidade. Segundo Foucault (2013a), no tempo dos epicuristas, a afinidade da *parrhesia* com o cuidado de si se desenvolveu ao ponto da própria *parrhesia* ser considerada como uma *techne* de guiamento espiritual para a “educação da alma”. O cuidado de si, “*epimeleia heautou*”, é um cuidado que precisamos ter conosco permanente para que não sejamos produtores de atos de violência em nossas (micro)vivências, um cuidado ético-político no sentido grego, um cuidado ‘desindividualizado’ (FOUCAULT, 2006), con-

trário ao cuidado de si moderno, que é voltado para individualização do sujeito, é um cuidado de si como prática da liberdade e que requer o outro.

O cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si. (FOUCAULT, 2006, p. 271)

Cuidar de si na prática docente nos conduz a estarmos abertos ao encontro, a uma experiência crítico-reflexiva em relação ao nosso tempo, sobre nós-mesmos, sobre as nossas próprias práticas. Isso requer cuidar de si como forma de cuidado com o outro – cuidado partilhado que mobiliza a tessitura do conhecimento junto e a (des/re)construção de sentidos para novas redes de (des)aprendizagens.

Aqui, estamos pensando também o falar a verdade com o cuidado de si a partir de experimentações cotidianas ciberculturais, ou seja, das práticas culturais contemporâneas mediada em rede, e como isso vem produzindo novas e emergentes modos de existir e habitar o presente no processo formativo.

## CARTOGRAFIAS CIBERCULTURAIS: PROBLEMATIZAÇÕES INTERSECCIONAIS

Nesta pesquisa cartográfica na cibercultura, contamos com a participação de um total de 32 interlocutores: 29 alunas e 3 alunos participantes da disciplina de Educação Estética. Para alcançarmos o nosso objetivo de pesquisa – que é pensar as práticas cotidianas em rede para promover a autoria em sala de aula –, tecemos experiências, acontecimentos, conteúdos, artefatos socioculturais em rede e práticas ciberculturais interseccionada à gênero, sexualidade, raça, classe, território, entre outros marcadores de diferença, para assim pensar-fazer a formação de professores hoje.

Considerando esse cenário, experimentamos os princípios ético-epistemológicos da cartografia, a escolha por esse método deve-se ao fato de que ele nos abre possibilidades para múltiplas intervenções, para a produção de outros entendimentos de si e com o

outro e de si com o próprio processo de produção do conhecimento. Ademais, partimos do entendimento de que a cartografia nos possibilita também a articulação entre saberes, discussões teóricas, acontecimentos cibercontemporâneos, práticas cotidianas e produção de subjetividades que compõem a ambiência de nosso presente.

Nesta cartografia cibercultural, compreendemos que é preciso imersão e implicação com o cotidiano pesquisado, negociação e conversa com os interlocutores de pesquisa e movimentos na expansão de margens de liberdade - plano para uma reflexividade ética. Com esta cartografia, temos a intenção de acompanhar a constante transformação dos processos que (re)definem nosso interesse de investigação, conduzindo-nos a um modo de caminhar na pesquisa, assumindo seus efeitos inusitados, dentre os quais, por exemplo, aqueles em que somos modificados e que podem vir a reconfigurar nossos interesses e propostas de pesquisa. O que por outro lado nos ajuda a pensar que seus desdobramentos e limitações nos levam a múltiplas experimentações e implicações, alargando as redes que nos constituem e, ao mesmo tempo, a apreensão-entendimento do cotidiano por onde nos movimentamos em pesquisa.

Aqui, pensamos-praticamos a cartografia enquanto método, não no sentido de procedimentos a serem seguidos, um passo a passo fechado em si, mas como modos de problematização de mundos, a partir de um olhar-sentir outro a vida cotidiana. A cartografia, para nós, é um método que tem nos ajudado a acompanhar fluxos, rupturas e (re/des)conexões das práticas que estamos construindo com os alunos. Mas, antes de tudo, temos aprendido que o fazer cartográfico requer nosso envolvimento enquanto pesquisadorxs, escuta atenta e abertura ao outro/à outra e é mais do que mapear os acontecimentos que são apresentados pelo cotidiano constantemente. Aprendemos também que o cartógrafo espera-se que ele “esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo” (ROLNIK, 2016, p. 23).

Salientamos que o método cartográfico “não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade” (ALVAREZ; e PASSOS, 2009, p. 131). A cartografia “requer uma postura aberta aos acontecimentos insurgentes que

atravessam a pesquisa-vida, que deslocam o imperativo sujeito-objeto” (CARVALHO, ROSENO, POCAHY, 2018, p. 138). Nesse sentido, conversamos, tensionamos e problematizamos em sala de aula com xs nosxs alunxs questões que atravessam as nossas vidas, a saber:

✚ As *fakes news* (notícias falsas) do caso da Vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson, ambos executados pelo nosso atual Estado de exceção;

✚ O linchamento online dx alunx Matheusa, da Artes/UERJ, que foi assassinadx pelo tribunal do tráfico no RJ (elx era colega de alguns/mas alunxs da disciplina);

✚ A questão machismo e misoginia na música; a prática do discurso de ódio e racista de determinados políticos;

✚ E a LGBTI+fobia nos cursos universitários.

Porém, não ficamos retidos somente nessas discussões, pois também conversamos sobre as múltiplas formas de resistências praticadas em nosso cotidiano:

✚ A politização dos selfies nos perfis de redes sociais, como por exemplo #UerjResiste;

✚ Na música, com “O samba que elas gostam”;

✚ As mulheres na política e nos movimentos sociais.

Para pensar essas questões de nossa sociedade contemporânea, propomos aos/às alunxs a produção de uma publicação *online* por meio do aplicativo de *Notes* do Facebook, de temática livre, podendo ser feita individual ou em grupo. Para contribuir na produção da publicação – isto é, no processo de construção autoral dxs alunxs –, sugerimos a leitura da reportagem publicada na revista Piauí “Do lado de cá” (2018), produzida pela aluna Yasmin Santos, da Comunicação da UFRJ, na qual ela narra sua itinerância de vida e porquê votou em Marielle Franco.

Para fazer esta cartografia cibercultural, estamos nos movimentando nos pensamentos feministas,

principalmente nas discussões epistêmicas interseccionais. Elsa Dorlin (2009) destaca que intelectuais afroamericanas articularam um modelo para pensar as relações de dominação entre gênero, sexo, raça e classe, denominado de interseccionalidade. Lima (2018) acentua afirmando que uma gênese dos estudos interseccionais pode ser encontrada em teóricas entendidas e autocompreendidas como mulheres negras e mulheres de cor, tentando criar não apenas um conceito, mas análises que dessem conta das múltiplas opressões que atravessam diferentes experiências. Pocahy (2011) argumenta que, como noção-prática feminista, a interseccionalidade conjuga análises cruzadas sobre distintas formas de dominação e posições de desigualdade produzidas pelos discursos de gênero, raça, idade, localidade e sexualidade. Viveros Vigoya (2016, p. 2) aponta que a interseccionalidade é uma “expresión utilizada para designar la perspectiva teórica y metodológica que busca dar cuenta de la percepción cruzada o imbricada de las relaciones de poder”.

Ainda nesta cartografia cibercultural, estamos apostando nas discussões sobre relações de gênero, apoiados em Jane Flax (1992): como uma categoria destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais e refere-se a um conjunto mutante de processos históricos variáveis. As relações de gênero acarretam dois níveis de análises: o do gênero como “uma construção ou categoria do pensamento que nos ajuda a entender histórias e mudanças sociais particulares; e o do gênero como uma relação social” (FLAX, 1992, p. 229-230).

Para produzir as intersecções entre sexualidade, raça e classe e as relações de gênero que são constituídas em rede, estamos experimentando (des/re) construir e problematizar epistemes que dominam, colonizam e enquadram nossos corpos em nome de um ideal/desejo de norma (BUTLER, 2016). Consideramos essas intersecções chaves de análises e de práticas, uma vez que são potentes para pensar e produzir teorizações do tempo presente, marcado fortemente por práticas antidemocráticas.

Ao optarmos por fazer pelo modo de conhecer e experimentar em perspectiva interseccional, partimos também das problematizações dos fluxos da

vida (micro)cotidiana, que dão sentido e forma às múltiplas práticas de resistência, de denúncia e de proposições de ações que ampliam as possibilidades de alternativas ética-estética-políticas, principalmente na/com a formação docente em tempos de cibercultura.

Utilizamos nesta pesquisa a conversa cotidiana como ferramenta conceitual. A escolha por esta ferramenta é parte de uma posição política-epistêmica de fazer a pesquisa acadêmica, na qual nada é descartado nas interações tecidas com xs nossxs alunxs. Apontamos ainda que “o trabalho com conversas no cotidiano implica posicionar as pessoas participantes como protagonistas na construção do conhecimento” (BATISTA; BERNARDES; e MENEGON, 2014, p. 101).

Na seção a seguir, trazemos algumas das publicações autorais produzidas por nossxs interlocutorxs juntamente com as suas narrativas sobre o processo

de produção dessas mesmas publicações. Os recortes feitos em relação às publicações partem de conexões de temáticas que se alinham, se complementam e se interseccionam. Enfatizamos ainda que essas publicações foram autorizadas por nossxs interlocutores para fins de produção e divulgação científica.

## PUBLICAÇÕES AUTORAIS, PARRHESIÁTICAS E INTERSECCIONAIS: PRÁTICAS FORMATIVAS DE SI EM REDE

Para aprofundar as discussões, trouxemos fragmentos das produções materializadas pelxs alunxs e trechos de suas narrativas sobre essas produções, que são desdobramentos de (des)construções autorais colaborativas. Foram produzidas 8 publicações, para esta presente pesquisa focamos as nossas análises em 6 delas por abordarem temáticas que se atrelam, conforme podemos analisar a seguir:

Figura 1 – Publicações produzidas pelxs alunxs



Fonte: Grupo Facebook. Acesso em: 02.ago.2018

✚ A “Publicação 1” aborda questões e problematizações sobre machismo na universidade, a partir de um acontecimento envolvendo a vestimenta de uma aluna, acontecimento esse que se desdobrou em múltiplas formas de violência, como por exemplo xingamentos sexistas e misóginos.

Fizemos esta reportagem para falar que o machismo está presente também dentro da universidade, perto da gente e dentro da gente. Trouxemos esse caso da aluna para refletir sobre a nossa formação universitária nos dias de hoje, sabe? [...] Esse caso e tantos outros só reforçam a nossa ideia de pensar como a educação pode contribuir também para práticas antimachistas dentro da própria universidade (Estudante de Pedagogia).

✚ Na “Publicação 2”, o grupo atua na discussão sobre o machismo cultural, focando suas análises em trechos do desenho animado “Os Simpson”, de uma série de TV coreana e relatos de experiência das próprias participantes do grupo.

Trouxemos esses casos de assédios para discutir o machismo, que está presente em nossa sociedade patriarcal, e a violência contra a mulher [...] pois a gente passa por essas situações no transporte público – no metrô, no ônibus – [...] Eu mesma já passei por essas situações inúmeras vezes no metrô (Estudante de Pedagogia).

✚ Já a “Publicação 3” tenciona sobre o machismo nas torcidas organizadas no futebol e ressalta “O Movimento Mulheres na Arquibancada”.

Na hora de comemorar um gol eles (torcedores homens) abraçam as garotas, apertam as bundas das garotas, sabe?! [...] Por conta disso entrei em contato com o feminino da torcida, porque elas têm um trabalho super legal, tanto de enfrentar como de combater o machismo dentro da torcida [...] Elas lutaram muito para estarem dentro dos estádios e, hoje, na Raça (torcida organizada do Flamengo), que é de onde eu falo, as meninas tocam na bateria. É uma conquista muito grande! (Estudante de Pedagogia).

✚ A discussão da “Publicação 4” é sobre a música “Maria Chiquinha”, a qual foi usada na Educação Infantil num determinado cotidiano escolar e cujos trechos ressaltam a violência contra a mulher.

Às vezes as crianças estão na escola cantando músicas que elas não sabem o que estão cantando, condicionando elas (as crianças) a determinadas práticas machistas [...] A gente acaba normatizando, não percebendo a violência que está sendo ensinada [...] Isso tem um reflexo muito forte na sociedade de hoje. Inclusive perpetua a violência contra a mulher (Estudante de Pedagogia).

✚ A “Publicação 5: Professor homem na educação infantil” discute as dificuldades enfrentadas por graduandos homens em fazer estágio na educação infantil.

Fizemos uma pesquisa sobre a atuação do pedagogo na educação infantil, pois nossos colegas tiveram dificuldades para fazer estágios [...] Tivemos 167 respostas ao todo. [...] A maioria a favor, mas algumas pessoas não concordam com a atuação de homens educadores com crianças. Numa das respostas, a pessoa entrevistada nos relatava que “não concorda, pois os homens apesar de serem preparados para exercer essa profissão, eles são extremamente sexuais”. Para essa entrevistada, “o homem tem mil vezes mais chances de abusar de uma criança do que uma mulher” (Estudante de Pedagogia).

✚ Na “Publicação 6: Racismo nos jogos jurídicos”, o grupo denuncia e tenciona a questão de práticas e discursos machistas, racistas e de classe promovidos dentro dos jogos esportivos entre as universidades, sobretudo nas músicas cantadas pelas torcidas.

Nos chamou a atenção essas histórias das músicas, o quão machista e racista elas acabam sendo, né? [...] A gente pegou essa questão toda que surgiu lá na PUC, nos jogos, e aí a gente começou a reparar nas músicas das universidades. Não só a PUC que acaba sendo muito machista, muito racista, até porque tem uma música de outra universidade, que não lembro agora, que falava das meninas que tinham cota e aí ridicularizavam elas (Estudante de Pedagogia).

Por meio dessas publicações autorais dxs alunxs, identificamos como as relações de gênero são produzidas (FLAX, 1992, p. 228): “divisões e atribuições diferenciadas e (por enquanto) assimétricas de traços e capacidades humanas”, e como nessas mesmas relações “dois tipos de pessoas são criados: homem e mulher”. Além disso, identificamos também

como essas relações de gênero estão presentes em múltiplos cotidianos, desdobrando-se em diversas práticas muitas vezes violentas, inclusive dentro das instituições de ensino, sejam elas na escola e/ou na universidade.

Com base nessa análise mais aprofundada nas publicações, notamos que elas são autorias materializadas sobre problematizações, tensionamentos e reflexões sobre si e nós, experimentações cotidianas que nos atravessam, nos levam a agir, nos afetam e, de certo modo, nos constituem e nos (de/trans)formam. Essas publicações autorais aqui expostas vão ao encontro da discussão de parrherias com cuidado de si (FOCAULT, 2013a, 2013b), uma vez que xs alunxs problematizam o “falar a verdade” com base em experimentações pessoais e coletivas, denunciam práticas que rompem com a ética cotidiana e ao mesmo tempo nos remetem às reflexões sobre o cuidado de si que devemos ter constantemente.

Essas publicações autorais alinham-se com ideias de Laponte (2005, p. 4), sobretudo quando ela reflete da “necessidade de um grupo docente de registrar-se, de inscrever-se, de mostrar-se” a partir da escrita de si, conforme exposto em cada temática problematizada pelos grupos. As escritas de si aqui expostas por meio dessas publicações estão inscritas em memórias partilhadas, afetos (des)construídos e relações colaborativas. Escritas de si que estão marcadas em corpos, delineiam formas e emergem da arte da sensibilidade da vida com x outrx.

As publicações produzidas pelxs alunxs além de serem modos de falar a verdade de si – parrhesias – através da escrita de si e de suas próprias narrativas de vida, retratam um pouco da cartografia em constante transformação de nosso contexto contemporâneo e também são desdobramentos de acontecimentos que “vão compondo uma gramática em que a política da matabilidade opera ações cotidianas” (LIMA, 2018, p. 74). Gramática aqui exposta em publicações que destacam o racismo, sexismo, misoginia, machismo, classicismo....

Fica evidente, ainda nessas publicações, como as questões relacionadas ao sexo atravessam as temáticas de todos os trabalhos aqui expostos e tecem-se com os apontamentos de Butler (2016, p. 153-154)

sobre o sexo como ideal regulatório, como “parte de uma prática regulatória que produz corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla”.

Notamos que essas publicações autorais e parrhasiáticas são também interseccionais, dado que denunciam as dominações que colonizam nossos corpos e nossas práticas cotidianas, trazem discussões articuladas a partir de múltiplos marcadores, como gênero, sexo, raça, classe, território, formação entre outras, como por exemplo na “Publicação 1” com as diversas formas de violência, como xingamentos sexistas e misóginos. Já a “Publicação 2” com o machismo cultural, onde é destacado o ideal de mulher para a nossa sociedade. A “Publicação 3” com machismo nas torcidas de futebol, também conhecido como territórios frequentados somente por homens. A “Publicação 4” com a música como uma forma de naturalização da violência contra a mulher. Já a “Publicação 5” diz respeito à questão do docente homem na educação infantil. E, por fim, a “Publicação 6” com o racismo nos jogos jurídicos que escancara um fragmento do racismo que assola a nossa sociedade, expõe como os corpos de mulheres negras são objetificados por meio da música e também da luta de classe. Essa “Publicação 6” se conecta aos tensionamentos de Lima (2017 p. 78), dos quais esta autora ressalta que é preciso “tomar o marcador raça como a espinha dorsal pela qual as práticas discursivas racistas perpassam os corpos-subjetividades, evidenciando o gendramento e sexualização da raça, bem como a racialização das performatividades de gênero e sexualidades”.

Ressaltamos que, ao articular esses marcadores interseccionados nessas publicações, estamos tomando o cuidado de si e com x outrx, a partir de experimentações ética-estética-políticas na/com a formação docente. Partimos também do princípio que “no devemos adoptar frente a ella [interseccionalidade] una actitud prescriptiva” (VIGOYA, 2016, p. 15), sobretudo com xs alunxs em processo de formação e no ato de pesquisar.

Por fim, gostaríamos de pontuar que essas experi-

mentações com as publicações *online* e as narrativas partilhadas pelxs alunxs podem ser vistas como práticas formativas de si, práticas as quais são constituídas por experiências e histórias de vida. Essas práticas são atravessadas por inúmeros acontecimentos que produzem saberes, modos de existir e se movimentar na vida cotidiana, possibilitando assim a ampliação da margem de liberdade (ética) no processo formativo de si com x outrx.

## APONTAMENTOS CARTOGRÁFICOS

Nesta cartografia cibercultural trouxemos publicações que se movimentam em torno de múltiplas intersecções de gênero, sexualidade, raça, classe, formação e território, publicações voltadas ao falar a verdade de si e nós, dando sentido e forma às publicações autorais, parrhasiáticas e interseccionais. A partir desta experimentação, traçamos os seguintes apontamentos:

✚ Apostamos que estas publicações em rede constituem fontes densas de problematizações do nosso tempo presente.

✚ São produções coletivas construídas a partir de pequenas partilhas de si e com base na confiança e na troca com x outrx.

✚ Oportunizam que outrxs alunxs acessem a diferentes modos de pensar e de existir nos jogos cotidianos de verdade-poder-saber.

✚ São rastros de outras cartografias produzidas na cibercontemporaneidade.

✚ A formação de si com x outrx não está reduzida à disciplinarização e normalização, pelo contrário, ela ocorre em cenários mais amplos e complexos, cenários esses que não são redutíveis uns aos outros.

✚ O falar a verdade de si e partilhá-lo com x outrx possibilita a criação de redes de significados, de sentidos e de aprendizagem em sala de aula, sobretudo em nosso contexto marcados por fortes políticas de/ formativas e ataques à docência.

Destacamos que essas publicações autorais, parrhasiáticas e interseccionais são chaves de abertura para entendermos sobre o que nós estamos fazendo com outrx, mas, antes de tudo, o que nós estamos fazendo em relação a nós mesmxs. Com isso podemos acompanhar os fluxos do desejo como produção social, o desejo de governar x outrx, desejo de ver essx outrx como seu próprio espelho, desejo que deseja romper com a ética-estética-política da existência, desejo letalizador.

Para finalizar, destacamos ainda que trazer a cartografia para este trabalho foi uma das maneiras que encontramos também para que os conhecimentos cotidianos autorais e de experimentações de si fossem trazidos para as problematizações contemporâneas na formação. Ademais, esta cartografia nos conduziu “numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação” (ALVAREZ; e PASSOS, 2009, p. 149), onde nesses processos todxs aprendemos mutuamente.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; e PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, Eduardo Passos; KASTRUP, Virgínia Kastrup e ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.131-149.

BATISTA, Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, Mary Jane Paris;

BIRGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs.). **A produção da informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 97-122.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2016b, p. 151-172.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; ROSENO, Richard; POCAHY, Fernando Altair. Cartografias de rede de aquecimento em grupos (homo)eróticos no Facebook: dissidências de gênero, sexualidade e envelhecimento. In: POCAHY, Fernando Altair; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. (Org.). **Gênero, sexualidade e geração**: intersecções na educação e/m saúde. 1ed. Aracaju: EDUNIT, 2018, v. 1, p. 129-148.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero y sexualidades**. Introducción a la teoría feminista. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. Seções sexo, raza e classe e género y poscolonialismo

FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). Rio de Janeiro: Rocco, 1991, pp. 217-250.

FOUCAULT, Michael. 1ª Conferência: Parrhesia e a crise das instituições democráticas **Revista PROMETEUS**, Edição Especial: Seis conferências de Michel Foucault sobre a parrhesia ANO 6, VOLUME 6, NÚMERO 14, 2013a. ISSN: 2176-5960

FOUCAULT, Michael. 3ª Conferência: o significado da palavra parrhesia? **Revista PROMETEUS**, Edição Especial: Seis conferências de Michel Foucault sobre a parrhesia ANO 6, VOLUME 6, NÚMERO 14, 2013b. ISSN: 2176-5960

FOUCAULT, Michel. Ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006, p. 264-287.

LAPONTE, Luciana Grupelli. **Docência artista**: arte, gênero e ético-estética docente 28ª Reunião Anual da Anped, 2005

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade**, Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018 | <https://portal-seer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

POCAHY, Fernando Altair. **Interseccionalidade e educação**: cartografias de uma prática-conceito feminista. Textura Canoas n.23 p.18-30 jan./jun. 2011.

POCAHY, Fernando. GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: Miradas pós-críticas na educação e/m saúde. **Revista Momento**: diálogos em educação, v. 28, n. 3, set./dez p. 87-111, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2ª edição, 2016.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. 2016. **Debate Feminista**, n. 52, p. 1–17, 2016. Disponível em: <[http://www.debatefeminista.cieg.unam.mx/wp-content/uploads/2016/12/articulos/052\\_01.pdf](http://www.debatefeminista.cieg.unam.mx/wp-content/uploads/2016/12/articulos/052_01.pdf)> Acesso em: 29/08/2018